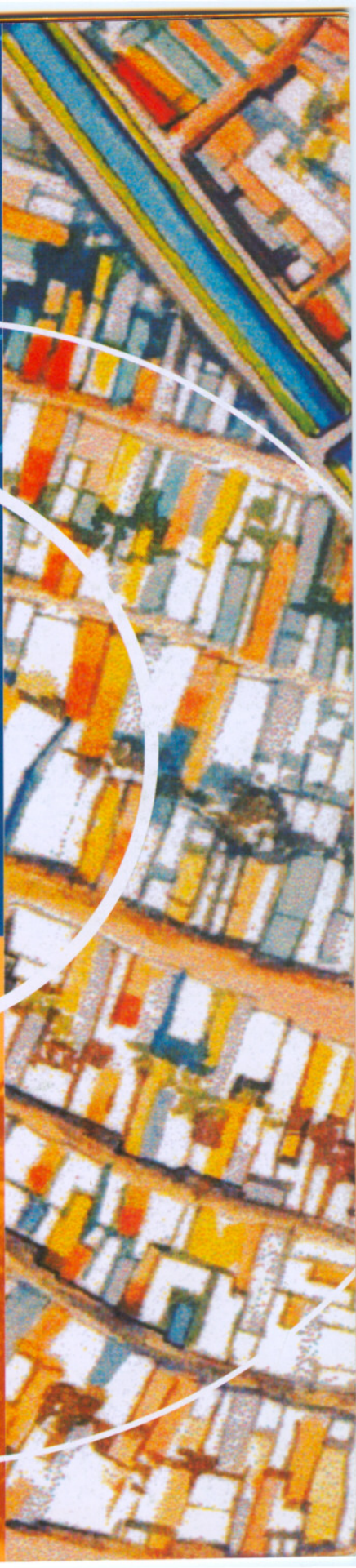
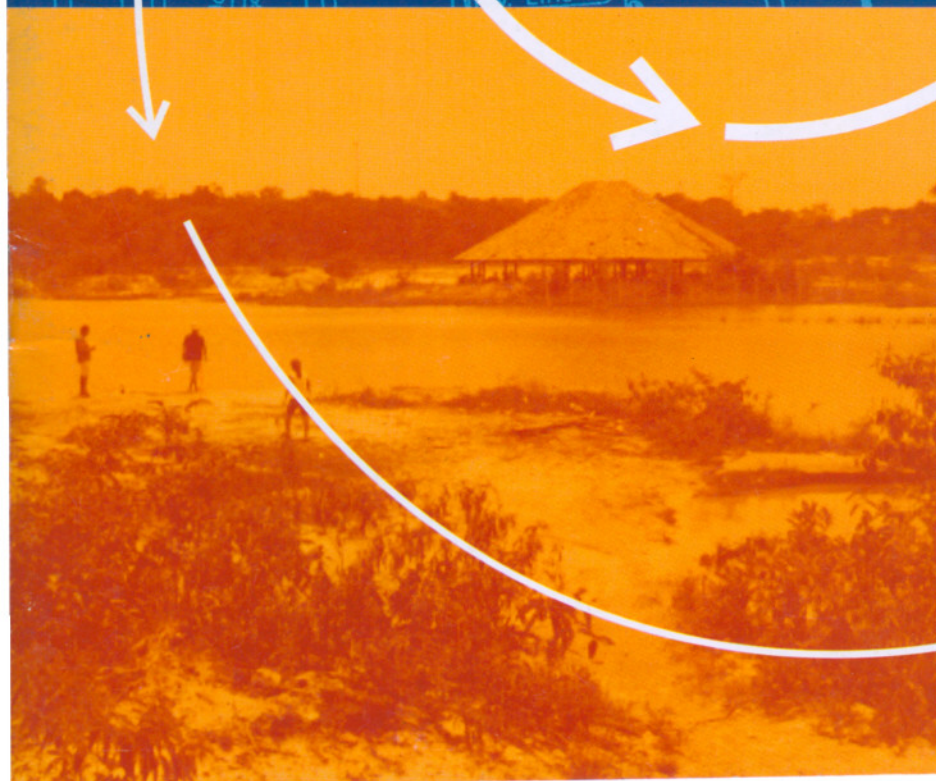


Associação dos Moradores do Parque Riachuelo II (AMPR2)
Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES)

Nova Cartografia Social da Amazônia

Manaus

“Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações” 14



Associação dos Moradores do Parque Riachuelo II (AMPR2)

Presidente: Alfredo Ferreira da Silva Neto

Secretário: Raimundo Idelfonso (Del)

Tesoureiro: Delmo Castilho Dias

Moradoras(es) de Riachuelo II Participantes da "Oficinas de Mapas" em 07/02/2007:

Esq. p/ Dir. Leonice Santana dos Santos Salomão (44), Irmã Terezinha Pereira (34), Lillian Almeida Ferreira (29), Alfredo Ferreira da Silva Neto (39), Pastor Sérgio Aparecido Dias (55), Veuber Amorim Ribeiro (34). Oficina de Cartografia Social na residência do Sr. Richelma Alfredo Ferreira, bairro Riachuelo II.



Foto: Delmo Roncarati Vilela

Projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia"

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

Fascículo 14

"Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações"

Manaus, 2007

ISBN: 85-86037-26-6

Coordenação do Projeto "Nova cartografia Social da Amazônia"

Alfredo Wagner Berno de Almeida PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPQ

Equipe de pesquisa:

Delmo Roncarati Vilela, Edney Barroso Salvador, Bruna D'almeida, Valdson dos Remédios Silva Amorim

Elaboração do Mapa Riachuelo II:

Delmo Roncarati Vilela, a partir de base cartográfica 2006 da Secretaria de Estado de Infra-estrutura (SEINF). Agradecimentos a Alessandra Pinto Romano pela disponibilização do material.

Moradores participantes da capacitação para Uso de GPS e coleta de pontos:

Irmã Terezinha Pereira, Sr. Alfredo Ferreira, Sr. Raimundo Idelfonso (Del), Sra. Olímpia.

Edição

Joaquim Shiraishi Neto
Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Rodrigo Macedo Lopes

Fotografias

Delmo Roncarati,

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social de Belém, foi apresentado o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de coco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



Foto: Delmo Roncarati Vilela

Grupo discutindo o que seria colocado no mapa, tanto o que já foi conquistado, quando novas reivindicações. "Oficina de Mapas" na Igreja de Santa Ana, Riachuelo II.

De Ocupação a Bairro

"A ocupação começou devagar em 1999 na então chamada "Gleba Florestal", próxima ao aeroporto. As áreas eram pagas, ninguém ganhava terra nenhuma de graça e o comércio de terras continua até hoje. Em 2002, na campanha eleitoral, começou a ocupação real daquela área e muitas pessoas foram morar lá. Em 2003 um coronel da PM se infiltrou na comunidade e fraudou a eleição e entrou na Associação. Depois se candidatou a Vereador, mas perdeu e nunca mais voltou. A Associação dos Moradores do Parque Riachuelo II foi criada em 01 de maio de 2004, conseguiu urbanização e energia. A igreja católica ajudou sempre" **Sr. Alfredo Ferreira da Silva Neto, Presidente da Associação de Moradores do bairro Riachuelo II. 1ª Oficina do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. 05 de agosto de 2006 Auditório do SARES.**

"Meu nome é Alfredo Ferreira da Silva Neto, sou amazonense, idade 39 anos, casado. Tenho três filhos e trabalho na área de segurança patrimonial. Estou participando deste evento, para relatar o nascimento desse bairro de nome Parque Riachuelo II. Em junho de 2002, conheci através do senhor Francisco, o local onde os lotes de terra estavam e ainda eram na mata nativa. Estávamos em plena campanha eleitoral e no mês de setembro foram abertas as ruas do bairro, através de um candidato e daí em diante iniciou a ocupação da área, todos os 1060 lotes já tinham seus donos, antes mesmo de abrir as ruas. Na época eu trabalhava na construção do SIVAM, na função de segurança, e morava no bairro da Compensa onde passei a maior parte da minha vida. Antes do desmatamento convidei minha esposa para conhecer o bairro que estava para nascer e que era conhecido como "Gleba Florestal", que não combinava com o local. Gostei muito e aqui estou morando até hoje. Ainda em 2002 a SEDEMA através do Coronel Homero veio até o local e promoveu um verdadeiro quebra-quebra das casas que haviam sido construídas pelos moradores, pois, segundo ele, se tratava de uma área de preservação e depois desse problema, já no ano de 2003, iniciei a construção de uma casa de madeira que media 4x6 metros, quando terminei a construção, mudei com minha família em seguida depois de alguns dias, vi que ali começava uma nova etapa de nossas vidas. Você já pensou em tirar sua família de um bairro com toda a estrutura para se viver e se deparar com uma situação de uma comunidade sem nada, energia era no gato, transporte não tinha, comércio precário (aliás não tinha nada) e todos nós pegamos malária. Às vezes eu me perguntava - Meu Deus, o que eu fiz com minha família? Coloquei eles nessa situação, mas sempre com fé em Deus. Tinha certeza que ele não teria me colocado aqui por acaso." **Sr. Alfredo Ferreira da Silva, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 13/10/2006.**

"Vim morar no Parque Riachuelo II em fevereiro de 2003, nessa época era chamado "Gleba Florestal", consegui o terreno por R\$250,00. Na época para chegarmos ao local tínhamos que passar por um igarapé, que quando chovia, o acesso ficava muito complicado, não existia ônibus no bairro. Ficávamos no SIVAM e vínhamos a pé até chegar no meu terreno. Iluminação só através de energia clandestina, os chamados "gatos". Água para bebermos e fazermos comida agente dava um jeito de trazer garrafas com água lá do bairro onde morávamos. Os barracos, na maioria de lona. Minha irmã cedeu o barraco dela para ficarmos até construirmos a nossa casa, dormíamos a luz de vela. Fazíamos tudo na churrasqueira para comer e tínhamos que vigiar as madeiras pois roubavam muito. Não existia farmácia, apenas o mercadinho ponto certo.

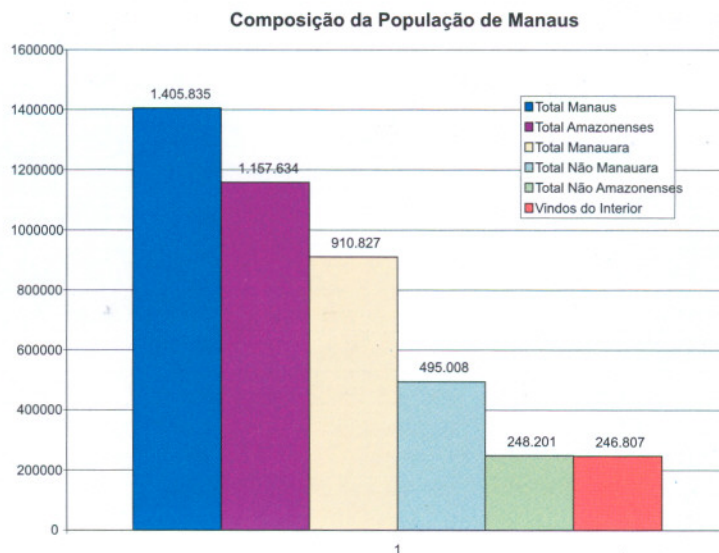
Escola não existia. A água que a gente lavava roupa era da cacimba, por eu morar na área alta, não dava para furar um poço e descia para a rua 07, eu morando na Avenida São Francisco, com bacia de roupa, louça e ia carregar água para fazermos alguma coisa em casa. Com o passar do tempo foram melhorando algumas coisas, tinha ônibus para levar e trazer os nossos filhos. O ônibus da linha 126 veio exclusivamente para o bairro, onde sua estação era na Associação de moradores. Mais adiante a linha 316 também começou a rota pelo bairro, porém este ônibus demora demais para passar, não existem abrigos nas paradas e vejo de perto o sofrimento de quem depende do transporte coletivo, hora tentando fugir da chuva, hora do sol.” **Sra. Lílíam Almeida Ferreira, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 21/10/2006.**

“Vim pra cá em 21 de janeiro de 2003, assentado pela SETRAB, do governo do estado. Primeiro a gente estava na invasão do chamado ramal do brasileiro. Lá éramos em 100 famílias, mas como era área da SUFRAMA, o governo fez um acordo com as lideranças da invasão onde se comprometia a dar um lote ou uma moradia no projeto Nova Cidade. Temos inclusive documentos que comprovam este acordo, com assinatura do Secretário Jorge Tarso. No final 43 conseguiram os lotes aqui no Riachuelo II e cerca de 60 foram para o Bela Vista, próximo ao Puraquequara. Mas antes disso, do ramal do brasileiro fomos levados pro Campo Sales, próximo ao “Piscinão de Ramos”, logo em seguida fomos removidos para o Piorini. Passando mais ou menos um mês lá, a SETRAB nos deslocou aqui pro Riachuelo II, no caso trouxeram ao todo 43 famílias, destas 43 acho que ficaram poucas, pois quando nos deixaram aqui era muito difícil, não havia nada, tivemos que enfrentar frio porque não havia casa, tivemos que armar, tarde da noite, um barraquinho pra se acomodar. No primeiro dia trouxeram quatro famílias. Não havia transporte para ir trabalhar, agente acordava quatro horas da madrugada pra ir andando até o Campo Sales pra pegar o ônibus e ir trabalhar. A água era de cacimba e a área era ruim em termos de doença, dava muita malária. Ainda falta colégio para as nossas crianças estudarem e quadra de esportes. Não consegui vaga para a minha sobrinha nas escolas aqui da região, devido a não ter escolas suficientes para receber todas as crianças do bairro. Então essa é uma grande dificuldade pra nós moradores e esperamos que as autoridades tragam melhorias em termos de educação, esporte e lazer aqui para as nossas crianças, pra livrar principalmente do vício da droga. O transporte ainda é péssimo, principalmente a linha 316 que não supre as necessidades dos moradores, demora demais para passar.” **Sr. Veuber Amorim Ribeiro, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 07 de fevereiro de 2007.**

Vista de trecho do lago vizinho ao Parque Riachuelo II, local considerado de importância ambiental e área para lazer dos moradores.



Este gráfico apresenta o total da população residente recenseada na cidade de Manaus em 2000, correspondendo a 1.405.835 habitantes e tendo como referência o critério de "naturalidade", ou seja, se esta população é nascida em Manaus ou não. Destaque-se que 35,2% da população residente não são nascidos em Manaus. A cidade de Manaus é a que registra o maior fluxo migratório da Amazônia Legal: os "vindos do interior" do Amazonas, constituem 17,5% do total migrantes, secundados, sobretudo, respectivamente por paraenses, cearenses e maranhenses que perfazem 17,7%. Os dados disponíveis sobre as ocupações em Manaus para o ano de 2006 disponibilizados pela Assessoria da Linha de Habitação da Cáritas Arquidiocesana de Manaus, assinalam 30 ocorrência de ocupações, abrangendo cerca de 400.000 pessoas. Segundo a mesma fonte, tem-se que 100.000 encontram-se vivendo em área de risco de desabamento ou inundação.



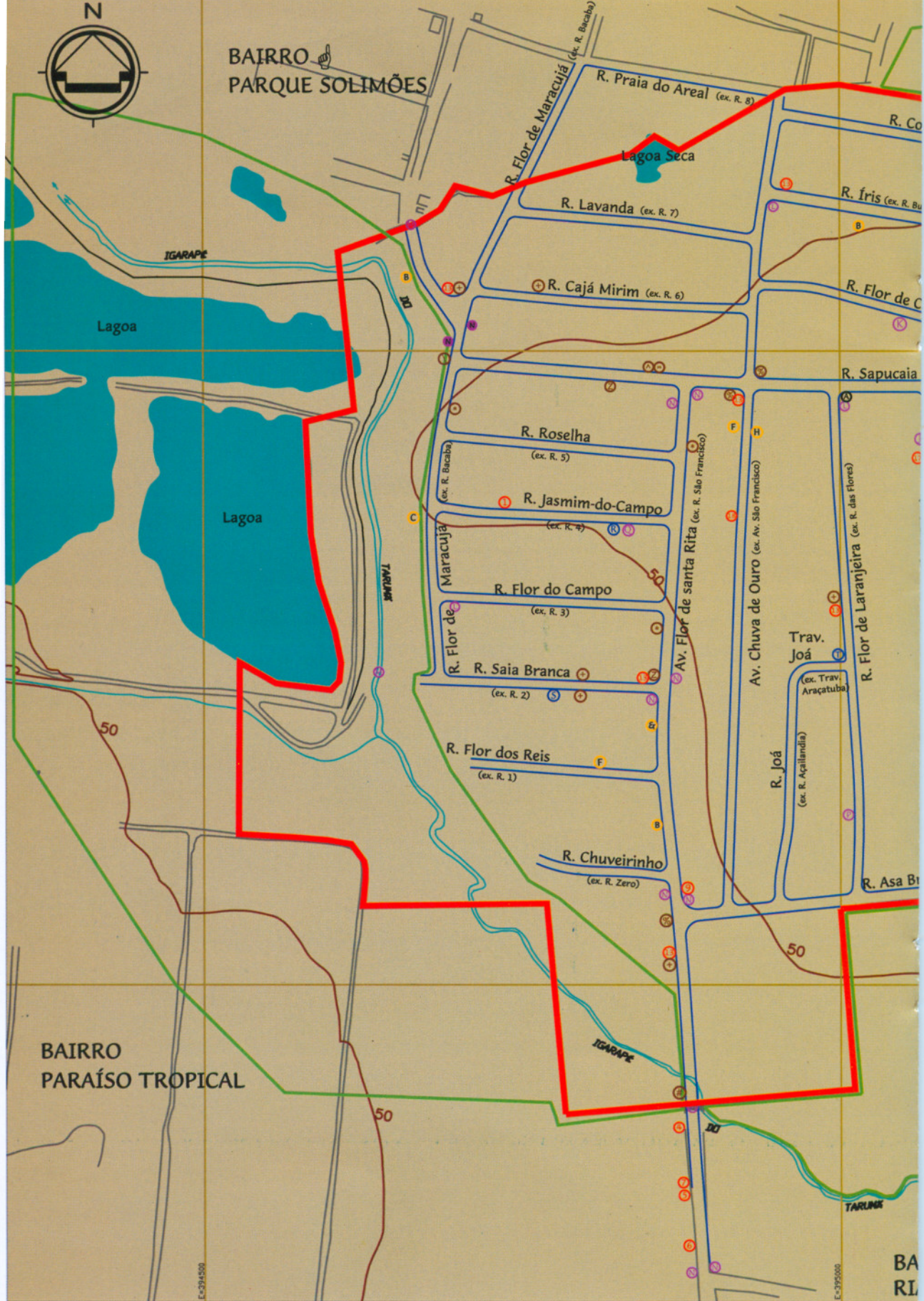
Fonte: IBGE, 2007. Cf. Adjalma Jaques.

"(...) tinha esse negócio de fica, não fica; a gente não podia fazer casa. Então a gente fez um barraquinho de lona porque a gente também não tinha condição de comprar tábua nem nada, né, e..., fizemos..., a gente morou um ano debaixo da lona. Era bom porque a gente estava debaixo de uma coisa ali que..., sem pagar um aluguel, mas em compensação, a gente morava ali com medo. Eu morava com medo porque quando eu via a chuva, temporal, vento..., aí eu ficava com medo daquilo cair encima da gente ali, uma das vezes, é..., é..., a chuva deu forte, a lona arriou e a gente ficava nesse negócio, né. Mas, é..., é..., meu marido fez a casa assim de quatro por quatro, e eu arrumei ela. Dentro da minha casa tinha cama de casal, tinha um sofá, tinha um fogão de quatro bocas. É..., quatro não, seis bocas tem meu fogão. E aí a gente morou, sem condição..., moramos um ano debaixo da lona; eu peguei malária; logo que eu cheguei só morava eu, meu marido e meu filhinho. Na rua que eu to só morava a gente..., aí era tudo escuro e peguei logo malária. Aí em seguida meu marido pegou malária e a gente foi..., tem nada, porque a gente não tinha dinheiro, não tinha comida..., aí meu filho, enquanto a gente estava com malária meu filhinho ia lá pro igarapé pegar peixe. Aí ele pegava peixe, ele fritava, comia, perguntava se a gente queria porque as vezes quando a gente está com malária a gente não sente fome. E a gente sobreviveu. Pra conseguir o terreno, pra gente ganhar..., é..., a gente sobreviveu na base dos peixinhos que tinha esse igarapé na frente de casa. A gente tomava banho, lavava roupa, lavava louça e pescava. (...) a água que a gente bebia a gente pegava numa cacimba, numa casa que a gente fazia reunião, ali na rua do campo, próximo o campo de bola ali tinha uma casa e eles tinham feito uma cacimba com a água bem limpinha. E aí a gente ia lá, era distante, mas a gente ia lá, pegava a água, coava ela pra gente poder beber. Eu nunca fervia, só coava." **Sra. Leonice Santana dos Santos Maranhão, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 07 de fevereiro de 2007.**

"(...) eu que trabalho, pego seis e meia, tenho que pegar ônibus aqui quatro e meia da manhã porque eu dependo de dois ônibus. Eu pego esse e vou pro terminal e tenho que pegar outro pra mim ir pro Coroadó. A mesma coisa é pra mim voltar. Então eu digo que falta organização de ônibus, assim, porque nesses outros bairros a gente vê que tem ônibus que vai pro T2, pro T3..., (...) poderia se fazer isso e fazer a encanação pra cada casa, e cada morador contribuía com um total, porque ele vai pagar a água dele, que ele usa porque ele vai pagar a energia que vai ficar puxando a água pra dentro daquela caixa, a pessoa que vai ficar mantendo aquela caixa cheia. Esse é o meu pensamento. Se tivesse uma caixa, colocasse só uma, um poço e colocasse essa caixa, e fizesse a tubulação pras casas, era muito melhor do que fazer um poço aqui, um ali, assim, num pinga, pinga e a gente sofrer carregando água." **Sra. Leonice Santana dos Santos Maranhão, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 07 de fevereiro de 2007.**



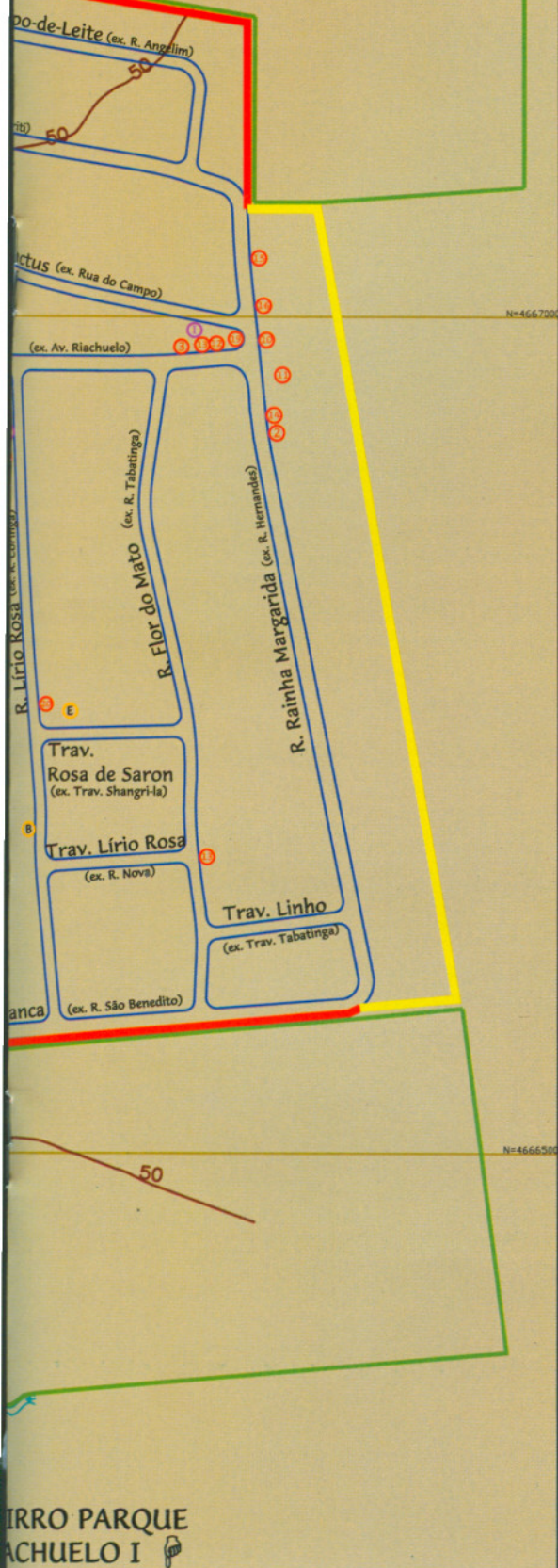
BAIRRO
PARQUE SOLIMÕES



BAIRRO
PARAÍSO TROPICAL

BA
RI

BAIRRO PARQUE RIACHUELO II



Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações

— Limites do Bairro — Tendência de Expansão

Formas de Organização

(A) Sede Provisória da Associação de Moradores do Parque Riachuelo II (AMPR2)

Estruturas Religiosas

- (B) Igreja Assembléia de Deus
- (C) Igreja Adventista
- (D) Igreja Aliança com Deus
- (E) Igreja Católica
- (F) Igreja Pentecostal
- (G) Capela Evangélica
- (H) Casa das Irmãs de Santa Ana
- (I) Igreja Batista Regular

Infra-Estrutura, Arte e Cultura

- (I) Campo de Futebol (provisório)
- (J) Escola Municipal (provisória)
- (K) Educação de Jovens e Adultos (provisória)
- (L) Poço Artesiano do Plano Emergencial
- (M) Ponte
- (N) Parada de Ônibus Existente (N) Proposta
- (P) Centro de Artesanato e Galeria de Arte
- (Q) Primeira Moradora do Bairro Sra. Lourdes

Locais de Medicina Alternativa

- (R) Benzedeira Damiana
- (S) Benzedor "Sabe Tudo"
- (T) Massagista (que "Pega Desmentidura")

Meio Ambiente

- (U) Nascente (fonte)
- Área para Preservação
- Igarapé da Cachoeira Tarumã
- Trilha

Comércio

- (Z) Padaria
- (+) Mercadinho
- (=) Café Regional
- (*) Restaurante / Lanchonete
- (V) Açougue
- (A) Farmácia
- (%) Casa de Materiais de Construção
- (#) Borracharia

Reivindicações

- (1) Cooperativa
- (2) Sede Definitiva da Associação
- (3) Centro de Ação Comunitária (Clube da Terceira Idade, Clube de Mães e Escola de Informática)
- (4) Horta Comunitária
- (5) Escola Municipal Definitiva
- (6) Escola Estadual Definitiva
- (7) Educação de Jovens e Adultos
- (8) Escolinha Poliesportiva
- (9) Feira Comercial
- (10) Posto Policial
- (11) Posto de Saúde
- (12) Posto de Correio (para pagar contas)
- (13) Telefone Público (orelhão)
- (14) Parque Infantil
- (15) Campo de Futebol (Dom Bosco)
- (16) Quadra Poliesportiva
- (17) Creche
- (18) Serviço de Voz Comunitária
- (19) Terminal de Ônibus
- (20) Poço Artesiano da Igreja Católica





Grupo discutindo o que seria colocado no mapa, tanto o que já foi conquistado, quando novas reivindicações. "Oficina de Mapas" na Igreja de Santa Ana, Riachuelo II.

Foto: Delmo Roncarati Vilela - 16/09/2006.

Por que a Cartografia?

"Quero parabenizar os idealizadores deste trabalho de cartografia, porque está nos dando a oportunidade de nosso bairro ser conhecido pelas autoridades através do mapa desta região tão esquecida da cidade. É importante porque é um jeito mais prático para nos organizarmos em comunidade, lutar pelo direito do coletivo, sempre com responsabilidade. Quero finalizar, agradecendo a todos pelo excelente trabalho desenvolvido em nosso bairro e a paciência para conosco. Gostei muito desta parceria que é de grande importância para nós, pois vai abrilhantar a esperança e o aprendizado que tivemos neste período. Este trabalho a cartografia já nos ajudou a conquistar a mudança dos nomes das ruas do bairro, tratados em nossas reuniões com o grupo. Parabéns Srs. Delmo, Edeney, Alfredo e a equipe". **Sr. Alfredo Ferreira da Silva, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 07/02/2007.**

"Para mim a cartografia social tem um significado importante, porque ajuda a comunidade a mapear o bairro, desperta um senso de pertença e envolvimento com a realidade. Ajuda a reafirmar uma identidade própria de cada pessoa no ambiente onde vive, visto que são os próprios moradores contando a sua história. Um outro benefício importante nesse processo é que as pessoas vão se confrontando e se apropriando da realidade concreta do bairro, facilitando a mobilização com projetos para melhorias futuras". **Ir. Terezinha Pereira, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 21/10/2006.**

"A cartografia foi um trabalho, muito sério. As pessoas que não conhecem o nosso bairro, vão ter a oportunidade de conhecer um pouco da nossa história, um pouco da luta e do sofrimento que agente teve aqui no bairro. Pode ser usado para reivindicar melhorias para o nosso bairro, em termos de infra-estrutura, colégio, delegacia, uma área para os nossos idosos. Serve como um meio de agente reivindicar perante as autoridades do nosso estado para que eles olhem um pouco pelo povo da periferia, os bairros mais afastados do centro de Manaus. Serve para a gente expor o que a gente precisa para o nosso bairro". **Sr. Veuber Amorim Ribeiro, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 07 de fevereiro de 2007.**

A Luta pela Titulação Definitiva

"Hoje existe farmácia, mais mercadinhos, iluminação, asfalto, porém não existe rede de esgoto. A escola existe mas funciona em um prédio alugado, e as crianças sofrem com o calor pois a ligação não está adequada para suportar ventilador e muito menos ar condicionado e a previsão é que esse ano está garantido até dezembro o funcionamento da escola, porém a partir de janeiro de 2007, nossos filhos estão a mercê de correrem atrás de outra escola em outro bairro. Há falta de qualificação profissional, para entrarmos no mercado de trabalho, há falta de compromisso dos governantes para com a periferia. Dizem que tem emprego mas falta profissional, mas qual a melhor forma de profissionalizar os jovens? Ainda não existe telefone público, é difícil o acesso, só existe no bairro Campos Sales. Não tem boxe de polícia, não existe escola de ensino médio para que os jovens não precisem se deslocar do bairro para o centro da cidade. Enfim, está faltando campo de futebol, uma área para os jovens ocuparem parte do tempo, pois brincam na rua. Precisamos de uma feira, cursos profissionalizantes. Os governantes precisam olhar para o nosso bairro, pois somos cidadãos com nossos direitos e deveres. Que o povo reflita e escolha o melhor para o país e para o Amazonas, que saibamos reivindicar nossos direitos. O Parque Riachuelo II existe, pois aqui existem cidadãos. Que saibamos cobrar nossos títulos definitivos, que não fique só em promessa de campanha. No meu modo de ver o mapeamento do bairro é importante para identificarmos o que está faltando, e o que poderá ser feito para a melhoria do mesmo. Recorreremos aos órgãos competentes para que olhem com mais atenção pois somos seres humanos, pagamos impostos e merecemos ter o necessário. Espero que o trabalho seja válido, proveitoso e que beneficie a todos". **Sra. Lílíam Almeida Ferreira, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 21/10/2006**

Imã Terezinha Pereira e o Presidente do bairro, Sr. Alfredo Ferreira, marcando a localização de uma parada de ônibus com uso de GPS.



Foto: Delmo Roncarati Vilela - 25/10/2006.

Grupo atualizando o mapa da prefeitura e discutindo a nomenclatura das ruas. "Oficina de Mapas" na Igreja de Santa Ana, Riachuelo II.



A Associação de Moradores e Conquistas

"Sempre participava de reuniões de moradores, mas na verdade quem estava sempre a frente não tinha interesse de buscar melhorias para os comunitários. No ano de 2004 fui convidado para formar uma chapa para concorrer a uma eleição da comunidade, mas a eleição foi uma decepção para todos. Já em janeiro de 2005 convidamos um grupo de moradores íntegros e responsáveis para fundar uma associação, pois já tínhamos um bairro vizinho com o nome de parque Riachuelo, então veio a idéia de colocar o mesmo nome. O nome de nossa entidade seria Associação dos Moradores do Parque Riachuelo II, com a sigla AMPR2, a partir desse momento tínhamos em mãos o que a comunidade precisava para ir buscar junto aos órgãos públicos, melhorias para o nosso bairro, mas houve muita resistência por parte de moradores do bairro, que só trabalhavam em benefício próprio e não para a coletividade. No decorrer dos dias buscamos uma parceria muito importante para nós, eu fui conhecer a vereadora Cláudia, que através de seus requerimentos e do conhecimento com o governo do Estado é que foi aprovada a urbanização total do bairro, energia elétrica e outros. Lembrando que a Associação tinha como presidente no início o senhor Fernando Hugo, que renunciou ao mandato porque se mudaria do bairro, eu era o vice na diretoria e logo em seguida assumi o cargo de presidente da Associação. Junto com as senhoras Olímpia e Nete, passamos no dito popular "poucas e boas" nos órgãos públicos para hoje esta comunidade desfrutar de tudo o que já foi feito e muito ainda a vir, sempre enquanto estivermos na frente desta entidade, vamos honra-la porque foi através dela que fomos buscar não só para nós, mas sim para todos. Estou muito feliz por fazer parte da história desse bairro". **Sr. Alfredo Ferreira da Silva, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 13/10/2006.**

"Sou moradora do Parque Riachuelo II, na Avenida Chuva de Ouro, nº 6, desde o dia 07 de abril de 2006. Completando seis meses aqui no bairro e na cidade de Manaus. Quando cheguei aqui já haviam acontecido as grandes lutas para a conquista da terra e também alguns benefícios para a comunidade. Os moradores estavam à espera do asfalto e da energia elétrica regulamentada, pois todo o bairro usava energia clandestina, os populares gatos". Agora já tendo conhecido um pouco esta realidade e me sentindo parte deste mundo de periferia em Manaus, eu quero ir um pouco mais além neste meu relato e dizer o que ainda carece este bairro. Primeiramente é de grande necessidade que tenha aqui um posto médico que atenda a população no seu dia-a-dia e que seja capacitado para prestar os primeiros socorros às urgências que frequentemente acontecem por aqui. Uma outra necessidade que não se pode esquecer é a educação, aqui só funciona uma escola do município de alfabetização até a quarta série, mesmo assim é provisória,



Foto: Delmo Roncarati Vilela - 16/09/2006.

pois o prédio é alugado e a dona disse que vai pedi-lo para o ano que vem, por isso, não se sabe se terá escola no próximo ano. O mais grave é que mesmo com tantas famílias aqui e com outros bairros vizinhos, não tem telefone público, posto de segurança, nem no bairro e nem próximo a ele, não tem saneamento básico, os esgotos são a céu aberto, muitas outras coisas ainda seriam necessárias... Diante dessa realidade a comunidade está se mobilizando, com pequenos atos, porém significativos, para cobrar as devidas providências dos órgãos competentes e de seus governantes a fim de conseguirem conquistar seus direitos e mudar a realidade deste bairro. Quiçá isso aconteça o mais breve possível. **Ir. Terezinha Pereira, moradora do Bairro Parque Riachuelo II, 21/10/2006.**

"Já conquistamos muitas coisas como a urbanização, energia, iluminação, títulos de terra, quatro poços comunitários, uma escola municipal de 1 a 4 anos (que funciona precariamente em prédio alugado), CEP das ruas, construção da ponte que liga nosso bairro ao bairro Parque Solimões. O que ainda falta é um posto de saúde, linhas telefônicas, delegacia, campo de futebol para prática de esporte, orelhões, linhas de ônibus do próprio bairro para o centro. Rede de esgoto, calçadas, saneamento básico e água canalizada para todo bairro. Sabemos que pra isso acontecer, temos que travar grandes batalhas nos órgãos públicos, reivindicando nossos direitos de cidadãos e assegurando o que está escrito na constituição brasileira. **Sr. Alfredo Ferreira da Silva, morador do Bairro Parque Riachuelo II, 07/02/2007.**

Endereços para contato:

Associação dos Moradores do Parque Riachuelo II (AMPR2)
Sede Provisória
Rua Sapucaia, nº 10, Bairro Parque Riachuelo II, CEP: 69.041-260, Manaus/AM
Tel.: (92) 8129-6255

Casa das Irmãs de Santa Ana
Av. Chuva de Ouro, nº 06, Bairro Parque Riachuelo II, CEP: 69.041-215, Manaus/AM
Tel.: (92) 9115-9030

Residência do Sr. Alfredo Ferreira da Silva Neto
Rua Flor do Campo, nº 35, Bairro Parque Riachuelo II, CEP: 69.041-240, Manaus/AM
Tel.: (92) 8129-6255

Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES)
Av. Constantino Nery, nº 1029, Bairro Presidente Vargas, CEP: 69.010-160, Manaus/AM
Tel./Fax: 55 (92) 3622-9657

Oficinas de Mapas realizadas:

- 1ª) 05 de agosto de 2006 (SARES);
- 2ª) 16 de setembro (Igreja de Santa Ana);
- 3ª) 14 de outubro (idem anterior);
- 4ª) 21 de outubro (GPS);
- 5ª) 25 de outubro (GPS);
- 6ª) 30 de janeiro de 2007
(Casa das Irmãs de Santa Ana)
- 7ª) 07 de fevereiro de 2007
(Casa do Sr. Alfredo Ferreira)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deus", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História do Bairro Parque São Pedro", Manaus

Realização

AMPR2

Associação dos Moradores
do Parque Riachuelo II



Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA



UNAMAZ

PPGDA

UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

